# Distanciamento e intimidade com o mundo\* - 06/05/2015

Por que filósofo? Conforme Giannotti, o que busca o filósofo é um exercício de  
distanciamento e intimidade como o mundo, porque o filósofo visa o mundo, mas  
pelo olhar de outro filósofo. Quando o filósofo lê, consome uma filosofia, ele  
não a destrói, mas a perpetua; é de uma ideia, de uma filosofia que surgem  
novas ideias e novas filosofias. Ao mesmo tempo em que é um exercício autônomo  
é também dependente, porque é um exercício de transformação. Meio ao modo da  
noção de história hegeliana é a história de um espírito que se desenrola no  
tempo, não um espírito absoluto, mas um espírito encarnado que está no mundo  
em interação com outros pensantes. Assim é o professor quando leciona e cria:  
da atividade surgem novos pensamentos.  
  
O exercício autônomo do livre pensar, mas dependente de outras leituras porque  
intermediando o acesso ao mundo que afasta e aproxima, esse exercício, assim  
colocado por Giannotti, é científico porque, segundo ele, apresenta um  
resultado objetivado. Nesse sentido, permite a análise por outra subjetividade  
que também o objetiva, apresentando esse caráter de perpetuação. E, mais do  
que nunca, hoje o filósofo é financiado pelo Estado. O filósofo acadêmico, ao  
mesmo tempo em que é funcionário do Estado com disciplinas e obrigações, ainda  
mantém certo caráter subversivo, mas muito mais reflexivo. E a ele muito se  
associa a imagem do professor aposentado, como o legislador de Rousseau -  
aquele que "ilumina" o povo, como o escritor proposto por Sartre - aquele que,  
de dentro da academia e dentro dos círculos cultos pode fazer a reflexão. Mas,  
menos do que nunca, independentemente, porque compromissado com os deveres que  
a produção dos ethos acadêmico exige.  
  
Mas se a filosofia é o exercício da reflexão, Giannotti conclui o artigo  
indicando que o filósofo não deve se satisfazer apenas com o discurso: é  
preciso interação, diálogo, é preciso se aproximar da prática. É estimulando  
aquele movimento de intimidade e distanciamento nos outros que o filósofo  
poder se libertar e escapar da mão forte do Estado que o financia. É preciso  
ir a fundo à reflexão exatamente para se verificar até que ponto existe essa  
interferência ou não. A própria ciência, que se autoproclama neutra e  
autônoma, se vê às voltas de um exercício teórico e quase apartado da  
realidade, quase estéril no que tange a grandes inovações. O filósofo precisa  
ir além desses efeitos aparentes dados pela lógica competitiva do mercado onde  
é necessário produzir, do capital financeiro que estabelece prioridades e da  
mão paterna do Estado que afaga, mas submete. A consciência que o filósofo  
deve apresentar, segundo Giannotti, pode aparecer no uso de suas palavras e  
nas consequências que ele pode trazer aos jovens, ao mesmo tempo em que pode  
se difundir pela sociedade de modo que suas reflexões diminuam as diferenças  
entre filósofos e não filósofos.  
  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_   
\* Resenha – texto “Por que filósofo?” – José Arthur Giannotti